



**INSTITUTO FEDERAL DE ALAGOAS  
DIRETORIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA  
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL  
POLO EAD PENEDO  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS-PORTUGUÊS A DISTÂNCIA**

**IZADORA DE SOUSA SANTOS  
NELIA DOS SANTOS PEREIRA**

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: UMA REFLEXÃO NECESSÁRIA PARA O ENSINO  
DE LÍNGUA PORTUGUESA**

**PENEDO, AL**

**2022**

**IZADORA DE SOUSA SANTOS  
NELIA DOS SANTOS PEREIRA**

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: UMA REFLEXÃO NECESSÁRIA PARA O ENSINO  
DE LÍNGUA PORTUGUESA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras-Português do Instituto Federal de Alagoas, em parceria com a Universidade Aberta do Brasil, Polo Penedo, como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciado em Letras-Português.

Orientador: Prof. Me. Everton Marques da Silva.

**PENEDO, AL**

**2022**



**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação**  
**Instituto Federal de Alagoas**  
**Campus Penedo**  
**Biblioteca**

---

S237v

Santos, Izadora de Sousa.

Variação linguística: uma reflexão necessária para o ensino de língua portuguesa / Izadora de Sousa Santos, Nélia dos Santos Pereira . – 2022.

24f.

Orientação: Prof. Everton Marques da Silva.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras-Português) – Universidade Aberta do Brasil, Instituto Federal de Alagoas, Campus Penedo, Penedo, 2022.

Trabalho acadêmico em versão digital.

1. Língua portuguesa – Português falado. 2. Linguística. 3. Sociolinguística. I. Pereira, Nélia dos Santos. II. Silva, Everton Marques da. III. Título.

---

CDD: 410

**Maria Luzia Alexandre de Oliveira**  
**Bibliotecária/Documentalista**  
**CRB-4/2159**

**IZADORA DE SOUSA SANTOS  
NELIA DOS SANTOS PEREIRA**

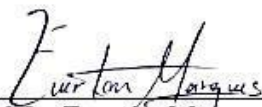
**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: UMA REFLEXÃO NECESSÁRIA PARA O ENSINO  
DE LÍNGUA PORTUGUESA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras-Português do Instituto Federal de Alagoas, em parceria com a Universidade Aberta do Brasil, Polo Penedo, como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciado em Letras-Português.

Aprovado: 07/05/2022.

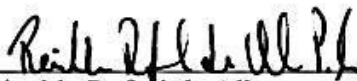
Conceito Obtido: 9,5

**BANCA EXAMINADORA**



---

Prof. Me. Evertton Marques da Silva  
Universidade Aberta do Brasil



---

Prof. Me. Reinaldo Rafael de Albuquerque Pereira Junior  
Universidade Aberta do Brasil



---

Prof. Me. Wellington Santos  
Instituto Federal de Alagoas

“A variação é constitutiva das línguas humanas, ocorrendo em todos os níveis. Ela sempre existiu e sempre existirá, independentemente de qualquer ação normativa. Assim, quando se fala em ‘Língua Portuguesa’ está se falando de uma unidade que se constitui de muitas variedades. [...]”

(BRASIL, 1998a, p. 29)

## RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo discutir a importância do ensino da heterogeneidade da língua portuguesa nas escolas. Para tanto, dialoga com diferentes pesquisadores como Antunes (2007), Bagno (2007), Bagno (2015), Bortoni-Ricardo (2005), Coelho (2015), Labov (2008) e Santos (2008), bem como com os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1996) e a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017). Trata-se de uma pesquisa bibliográfica (LIMA; MIOTO, 2007) que selecionou os trabalhos mais relevantes sobre a heterogeneidade da língua, disponíveis em plataformas digitais como: Google Acadêmico, Repositório Institucional da Ufal, Portal de Periódicos CAPES, Portal Scielo, entre outros. Após as devidas reflexões acerca das obras selecionadas, apresentam-se algumas propostas de abordagens de ensino de língua portuguesa que buscam desconstruir o preconceito linguístico.

**Palavras-chave:** Heterogeneidade linguística. Preconceito Linguístico. Ensino de Língua Portuguesa.

## ABSTRACT

This research aims to discuss the importance of teaching the heterogeneity of the Portuguese language in schools. Hence, it dialogues with different researchers such as Antunes (2007), Bagno (2007), Bagno (2015), Bortoni-Ricardo (2005), Coelho (2015), Labov (2008) and Santos (2008), as well as with the Curricular Parameters (BRASIL, 1996) and the National Curricular Common Base (BRASIL, 2017). This is a bibliographic research (LIMA; MIOTO, 2007) that selected the most relevant works on the heterogeneity of the language available on digital platforms such as: Google Scholar, Institutional Repository of the Federal University of Alagoas, Periodical Portals available through Capes-MEC and Scielo, among others. After the reflections about the selected works, we present some Portuguese teaching proposals in order to deconstruct the linguistic prejudice.

**Keywords:** Linguistic heterogeneity. Linguistic Prejudice. Portuguese Language Teaching.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>9</b>
<b>2</b>	<b>A HETEROGENEIDADE DA LÍNGUA PORTUGUESA.....</b>	<b>11</b>
<b>3</b>	<b>METODOLOGIA.....</b>	<b>14</b>
3.1	ANÁLISE DE DADOS.....	15
3.1.1	A variação linguística como objeto de preconceito.....	15
3.1.2	A variação linguística nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs).....	17
3.1.3	A variação linguística no ensino de Língua Portuguesa.....	19
<b>4</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>23</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>25</b>

## 1. INTRODUÇÃO

A comunicação é a principal função da língua, se não a única. Isso porque é por meio da língua que nos expressamos, que nos relacionamos com o outro, que ensinamos e aprendemos. De fato, a língua está presente nas experiências do nosso cotidiano e, dessa forma, faz parte da nossa identidade e da nossa cultura. A língua, assim como a identidade e a cultura, sofre transformações ao longo do tempo, por fazer parte das práticas sociais e por isso não é, como alguns acreditam, uma entidade imutável e homogênea.

De acordo com Mussalim e Bentes (2007, p.33), “nenhuma língua se apresenta por uma entidade homogênea. Isso significa dizer que qualquer língua é representada por um conjunto de variedade [...]”. Com efeito, a língua é heterogênea, visto que está sujeita a variações e mudanças no espaço e no tempo. Isso implica dizer que a língua não é utilizada de uma única maneira por todos os seus falantes, devido a fatores históricos, regionais, sociais e contexto de uso, por exemplo. Para ilustrar, em um contexto que exige maior formalidade, normalmente utilizamos uma linguagem mais rebuscada. Por outro lado, em situações informais, é comum usarmos uma linguagem coloquial e, em alguns casos, gírias ou expressões populares. Desse modo, podemos perceber que, nas várias formas de interação, a língua se modifica para adaptar-se ao contexto de uso.

Todavia, apesar de seu caráter múltiplo e dinâmico, o que encontramos muitas vezes são indivíduos, dentro e fora das escolas, discriminados e tratados como deficientes linguísticos por não utilizarem o português padrão nas suas práticas sociais, inclusive naquelas informais (BAGNO, 2007). Desse modo, é necessário destacar, na nossa percepção, que o português padrão ou normativo é apenas uma parte do que se sistematizou dentro do universo da língua brasileira, e que há manifestações linguísticas não consideradas dentro dessa sistematização ou normatização.

Lançar um olhar holístico diante da língua torna-se ainda mais imperativo, quando observamos que o ensino da Língua Portuguesa é, em alguns casos, mecanizado, limitado à apresentação das normas gramaticais da “língua padrão” e desvinculado da realidade. Isso só corrobora para o entendimento de que cabe ao docente levar o discente a perceber que a linguagem é heterogênea e plural, assim como são as pessoas. Portanto, é imprescindível que nós, enquanto professores, não atuemos de modo a negligenciar esses aspectos, mas que passemos a promover o conhecimento das variedades linguísticas aos alunos, pelo menos daquelas mais comuns para eles.

Considerando, portanto, as discussões apresentadas até o momento, realizamos esta pesquisa de cunho bibliográfico, com o objetivo geral de discutir a importância do ensino da heterogeneidade da Língua Portuguesa nas escolas. Para tanto, traçamos como objetivos específicos: tratar do preconceito linguístico e suas implicações; apresentar algumas variações linguísticas comuns e apontar orientações curriculares e metodológicas sobre o ensino das variedades linguísticas.

No tocante à organização deste trabalho, além desta introdução, ele apresenta três seções. Na primeira, trazemos uma revisão teórica sobre a heterogeneidade linguística e os fatores que influenciam as alterações da língua, tomando como principal embasamento teórico: Antunes (2007), Bagno (2007), Bagno (2015), Bortoni-Ricardo (2005), Coelho (2015), Labov (2008) e Santos (2008). Todos eles defendem que a variação linguística ainda é um fenômeno ignorado ou abordado de forma superficial. Na segunda seção, descrevemos a metodologia que utilizamos em sua dimensão bibliográfica (LIMA; MIOTO, 2007).

Na sequência, para apresentar os resultados das reflexões realizadas na coleta de dados, dividimos a terceira seção em três subseções, a saber: na primeira, trazemos uma discussão a respeito da questão do preconceito linguístico, o qual deveria ser mais abordado de modo crítico em sala de aula, para evitar danos à cultura e ao processo de ensino-aprendizagem; na segunda, discutimos a variação no ensino de Língua Portuguesa com base nas orientações dos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998) e da BNCC (2017); finalmente, na última subseção, apresentamos as reflexões obtidas acerca da variação linguística e o ensino de Língua Portuguesa, de modo que tratamos da heterogeneidade linguística, bem como da importância do ensino da norma culta na escola. A esses somam-se as nossas considerações finais.

## 2. A HETEROGENEIDADE DA LÍNGUA PORTUGUESA

Sabemos que o Brasil é um país de grandes dimensões territoriais e com uma vasta diversidade sociocultural. Como não poderia ser diferente, a língua portuguesa brasileira é influenciada e adaptada mediante às necessidades e à cultura de cada região, de cada grupo de falantes. A forma como as pessoas se expressam, acaba se tornando um meio de identificação de determinados grupos sociais, já que podem apresentar características específicas. Por exemplo, um grupo se refere a um determinado objeto de uma forma e outro grupo faz referência ao mesmo objeto de outra. Sobre isso, pontua-se que:

A heterogeneidade ordenada dos sistemas linguísticos, confirmada pelas várias situações em que se constata mais de uma forma para se dizer a mesma coisa, não compromete a estrutura desses sistemas. Tanto é que, nos momentos de variação, que precedem as mudanças linguísticas, as línguas não deixam de atender perfeitamente às necessidades comunicativas do falante (SANTOS, p.19, 2008).

Nesse sentido, pode-se dizer que embora a língua portuguesa brasileira nos una e seja talvez o maior ícone da nossa identidade cultural, há uma heterogeneidade intrínseca em sua composição que nos diferencia um do outro, isto é, que nos torna povos diferentes, apesar de vivermos na mesma nação. Contudo, isso não é uma prerrogativa apenas da nossa língua:

Não existe nenhuma língua no mundo que seja uniforme e homogênea. O monolinguismo é uma ficção. Toda e qualquer língua humana viva é, intrinsecamente e inevitavelmente, heterogênea, ou seja, apresenta variação em todos os seus níveis estruturais e em todos os seus níveis de uso social (BAGNO, 2015, p.27).

Com efeito, a variação linguística é uma característica inerente a todas as línguas, como destaca o pesquisador, porém no Brasil ela é atenuada devido às múltiplas variantes que o português apresenta. Todavia, não podemos pensar que as variações da língua implicam ausência de regras, isto é, que funcionam aleatoriamente, conforme ressaltam Labov (2008) e (COELHO *et. Al*, 2012). Na verdade, elas ocorrem a partir de normas. Há forças dentro e fora da língua que fazem um indivíduo falar de determinada maneira chamada de condicionadores, os quais são divididos em dois grupos: linguístico e extralinguístico (COELHO *et Al*. 2012).

Em relação ao primeiro grupo, estão os diferentes níveis linguísticos, tais como: o lexical, o fonético-fonológico e o morfossintático, os quais estão relacionados a uma

análise mais estrutural, isto é, à classe das palavras, aspectos semânticos, entre outros. No que diz respeito ao nível lexical, encontramos as diferentes palavras para representar o mesmo objeto, fenômeno ou ser. Por exemplo, pode-se destacar o “pão francês”, o qual tem seu nome diversificado em diferentes estados no nosso país. Enquanto em Minas Gerais é conhecido como “pão de sal”, em Rio Grande do Sul é denominado “cacetinho”.

No nível fonético-fonológico, há uma diversificação nas maneiras de pronunciar palavras ou expressões, seja ele por meio do acréscimo, decréscimo, substituição ou troca de um fonema. Por exemplo: “veia” (velha), muié (mulher), ou em sotaques, tal como a distinção entre o sotaque paulista, gaúcho e nordestino. Por outro lado, no nível morfossintático podemos encontrar fenômenos ligados à concordância, à conjugação verbal, ao emprego de pronomes e à regência. Neste caso, há mudança da estrutura dos enunciados, de modo que contrariam a norma culta padrão. Para ilustrar, temos o enunciado “vi ela” onde o pronome foi usado em função do objeto do verbo.

Em contrapartida, no que se refere ao grupo extralinguístico, segundo Coelho *et. Al* (2015) temos as variações causadas por diversos fatores, entre eles os regionais, os sociais e o estilístico, de forma que cada um apresenta suas características próprias. Em relação à variação regional, conhecida também por variação geográfica ou diatópica, podemos dizer que se refere às diferenças da língua conforme o local, isto é, representa as variações que ocorrem pelos diferentes tipos de unidade espacial como estados, países, cidades, regiões, entre outros. Em suma, esse tipo de variação é a responsável por identificar a origem de uma pessoa pelo modo de falar.

No fator social, conhecido também por variação diastrática, estão as diferenças referentes aos grupos sociais cujo fatores estão relacionados à faixa etária, profissão, grau de escolaridade, estrato social e sexo, ou seja, à identidade dos falantes e sua relação com a organização sociocultural e econômica da comunidade. Já no que se refere ao fator estilístico, a língua varia conforme o grau de formalidade do ambiente e conforme situações de interação social, assim como a intimidade entre os interlocutores. Como exemplo desse tipo de variação, Bagno (2007, p.40) enfatiza: “Queiram se sentar, por favor” e “vamo sentano aí, galera[sic]”.

Embora seja perceptível que a variação linguística se trata de um fenômeno real e inevitável que está presente em nosso cotidiano, concordamos com Bortoni-Ricardo (2005, p. 12) quando menciona que infelizmente “a sociedade ainda resiste à ideia de que a língua

é heterogênea”. Em virtude disso, as variações linguísticas são vistas como errôneas. Nesse sentido, Bagno (2013, p. 43) ressalta que:

Reconhecer a heterogeneidade intrínseca de qualquer língua humana junto com os mitos, preconceitos, representações e juízos de valor que incidem sobre ela é um componente básico da educação linguística que visa formar cidadãos conscientes da realidade social, cultural e política em que vivem.

Por fim, levando-se em consideração todas as reflexões apresentadas até aqui, bem como esse último excerto, entendemos que é imprescindível que o professor de Língua Portuguesa discuta com os seus alunos o processo da variação linguística para que não só a norma culta seja respeitada e valorizada, mas também as suas variedades.

Com essa abordagem, o falante aprende que não precisa modificar o seu repertório linguístico, mas que precisa saber adequá-lo ao contexto de uso, conforme defendem os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) de Língua Portuguesa, quando enfatizam que “a questão não é falar certo ou errado, mas saber qual forma utilizar, considerando as características do contexto de comunicação” (BRASIL, 1997, p. 31). Dessa forma, o professor estará ampliando o conhecimento linguístico dos estudantes, tornando-os competentes para utilizar a língua com eficiência e sem preconceitos.

Finalmente, na seção a seguir, descrevemos e revelamos a metodologia que utilizamos para a realização desta pesquisa, bem como as etapas e as escolhas dos autores que nos conduziram durante o percurso da coleta e sistematização dos dados.

### 3. METODOLOGIA

Esta pesquisa se trata de um levantamento bibliográfico, que é conhecido por ser um método: “importante na produção do conhecimento científico capaz de gerar, especialmente em temas pouco explorados, a postulação de hipóteses ou interpretações que servirão de ponto de partida para outras pesquisas” (LIMA; MIOTO, 2007, p. 43).

Sabe-se que a pesquisa bibliográfica possibilita um:

amplo alcance de informações, além de permitir a utilização de dados dispersos em inúmeras publicações, auxiliando também na construção, ou na melhor definição do quadro conceitual que envolve o objeto de estudo proposto (GIL, 1994 apud LIMA; MIOTO, 2007, p.40).

Dessa forma, compreendemos que a pesquisa bibliográfica nos fornece uma fonte infinita de informações, haja vista termos a possibilidade de buscar novas descobertas a respeito do objeto de estudo por meio dela. Nessa perspectiva, recorreremos ao referido método de pesquisa com o intuito de aprofundarmos teoricamente o conhecimento acerca da variação linguística e, a partir disso, refletirmos sobre a melhor forma de tratarmos esse assunto nas aulas de língua portuguesa.

A metodologia envolveu basicamente duas etapas, sendo uma de seleção dos materiais a serem utilizados na construção do trabalho e a outra voltada para a análise e o desenvolvimento da pesquisa. Para a realização da primeira etapa, foram utilizadas as seguintes palavras-chave: variação linguística, heterogeneidade da língua, variação linguística aplicada ao ensino da língua portuguesa, para que assim as teorias com temáticas voltadas ao da pesquisa fossem identificadas.

As buscas foram realizadas em plataformas digitais como o Google Acadêmico, o Portal de Periódicos CAPES, a Scielo, Repositório Institucional da Ufal, entre outros. Dessa forma, utilizamos no levantamento de dados bibliográficos por meio de teses, dissertações, livros digitais e artigos científicos. Como parâmetro de exclusão, consideramos idiomas estrangeiros, bem como textos acadêmicos que não estavam voltados diretamente para a nossa temática.

O trabalho foi baseado, sobretudo, teórica e metodologicamente nos estudos dos seguintes autores: Mussalim e Bentes (2007), Antunes (2007), Bagno (2007), Bortoni-Ricardo (2005), Santos (2008), Labov (2008), Lemle (1978), Camacho (1988), Coelho *et. Al* (2015), Soares (1986). Tomamos como referência também os Parâmetros Curriculares

Nacionais (BRASIL, 1998) e a BNCC (2017), os quais, apontam para um ensino a partir da perspectiva funcional, isto é, um ensino que leve em consideração a língua e sua relação com os contextos comunicativos em que ela é empregada.

Sendo assim, por meio do material selecionado, foi avaliada a importância do ensino da heterogeneidade da língua portuguesa nas escolas, baseando-se principalmente nos conceitos de Bagno (2007) a respeito do ensino da língua. A seguir, apresentamos os resultados das reflexões realizadas a partir dos dados ou materiais analisados.

### 3.1 ANÁLISE DE DADOS

#### 3.1.1 A variação linguística como objeto de preconceito

É perceptível que o Brasil é um país que tem como uma de suas principais características a multiplicidade linguística. Todavia, embora as diversas formas de utilizar a língua sejam visíveis, infelizmente, ainda há quem desvalorize o uso de qualquer tipo de variedade da língua, que não se enquadre no português padrão. Tal postura contribui com o preconceito linguístico na nossa sociedade.

O termo preconceito linguístico está amparado na ideia fixa de que “só existe uma única língua portuguesa merecedora deste nome e esta seria a língua ensinada nas escolas e explicadas nas gramáticas e dicionários” (BAGNO, 2007, p.40). Outrossim, o autor ainda destaca que “qualquer manifestação linguística que se distancie do triângulo escola-gramática-dicionário é considerada sob a ótica do preconceito linguístico errada, feia, estropiada, rudimentar, deficiente [...]” (BAGNO, 2007, p.40). Entretanto, é válido salientar que crer na existência de apenas uma língua correta, é esquecer e menosprezar as demais variedades da língua.

Segundo Mariani (2008, p. 23), a palavra preconceito pode ser concebida como um “pré-julgamento, em geral, ingênuo, ligado ao senso comum e a crenças que dão suporte a certezas injustificadas.” Já para Houaiss (2001, *apud* SANTOS; BRITO, 2014, p.7) preconceito é “qualquer opinião ou sentimento, quer favorável quer desfavorável, concebido sem exame crítico”. Nesse sentido, podemos inferir que o preconceito linguístico deriva de uma opinião previamente formada e sem reflexão.

Nesse contexto, é imperativo destacar que não existe uma única forma de falar e de se expressar, tendo em vista que cada indivíduo se expressa de acordo com a maneira que

sua região e grupo social falam. Dessa forma, cabe a nós, respeitarmos essas diferenças, como declara Soares (1986, p. 40):

Tal como não se pode falar de ‘inferioridade’ ou ‘superioridade’ entre línguas, mas apenas de diferenças, não se pode falar de inferioridade ou de superioridade entre dialetos geográficos ou sociais ou entre registros. Também aqui, como ocorre em relação às línguas, cada dialeto e cada registro é adequado às necessidades e características do grupo a que pertence o falante ou à situação em que a fala ocorre: Todos eles são, pois, igualmente válidos como instrumento de comunicação; também não há nenhuma evidência linguística que permita afirmar que um dialeto é mais ‘expressivo’, mais ‘correto’, mais ‘lógico’ que qualquer outro: todos eles são sistemas linguísticos igualmente complexos, lógicos, estruturados.

Além disso, Bagno (2007, p. 47) afirma que:

[...] não existe nenhuma variedade nacional, regional ou local que seja melhor [...] ou mais correta que outra. Toda variedade da língua atende às necessidades da comunidade de seres humanos que a empregam e quando deixar de atender, ela inevitavelmente sofrerá transformações para se adequar às novas necessidades.

A língua é baseada na realidade do falante e do contexto em que ele vive. Muitas pessoas não sabem ler e escrever, entretanto, são falantes da língua portuguesa e são compreendidos pelas pessoas de seu convívio social. Outras pessoas tiveram acesso à escola e ainda assim se expressam, em determinados momentos, por meio de variedades não padrão, como acontece com as gírias e/ou expressões coloquiais. Ainda assim, são compreendidas por seu grupo social. Nesse sentido, é pertinente nos questionarmos por que ao invés de fazermos correções ou críticas em relação ao uso de tais variações, não as utilizamos para enriquecer o nosso vocabulário. Precisamos lembrar que a língua é dinâmica e heterogênea, de modo que está sempre se adequando às novas circunstâncias e às convenções sociais. Portanto, não há por que nos privarmos de explorá-la por medo ou receio de sermos vítimas de preconceito linguístico.

Aliás, é comum notarmos que indivíduos das classes pobres ou menos privilegiadas da sociedade são os que mais sofrem com o preconceito linguístico. Isso nos faz inferir que o preconceito linguístico também é um preconceito social. Sobre isso, Bagno (2007, p. 16) informa que:

[...] São essas diferenças de status social que explicam a existência, em nosso país, de um verdadeiro abismo linguístico entre os falantes das variedades não-padrão do português brasileiro- que são a maioria de nossa população-

e os falantes da (suposta) variedade culta, em geral mal definida, que é a língua ensinada na escola.

Nessa perspectiva, tendo em vista que a escola é um ambiente de socialização, aprendizagem e formação de cidadãos críticos e reflexivos, torna-se imprescindível que a mesma proporcione aos estudantes o conhecimento da língua em sua totalidade. Em outras palavras, a escola e o professor não devem refutar e reprimir as variações linguísticas de seus alunos, mas, ensiná-los acerca da importância de respeitar a língua em seu aspecto heterogêneo.

Segundo Bagno (2007), ensinar para o bem significa respeitar e valorizar o que o aluno já sabe do mundo e da vida. É necessário que a língua do educando seja reconhecida, afinal: “ensinar para o bem é acrescentar e não suprimir, é elevar e não rebaixar a autoestima do indivíduo. Somente assim, no início de cada ano letivo, o indivíduo poderá comemorar a volta às aulas, em vez de lamentar a volta as aulas”. (BAGNO 2007, p. 168).

Portanto, é imperativo que os professores de Língua Portuguesa respeitem e valorizem a especificidade linguística dos educandos e, conseqüentemente, ensine-os sobre tais valores no tocante ao uso da língua. É imprescindível destacar que não se trata de incentivar a discriminação contra a língua padrão, mas de mostrar que assim como a gramática normativa é importante para nós em determinados contextos de comunicação, as demais variedades da língua também são. A ideia, com essa reflexão, é que o docente desenvolva uma postura metodológica que contribua para minimizar o preconceito linguístico contra as variedades linguísticas.

Finalmente, na subseção a seguir, observamos e verificamos como e de que forma as variações linguísticas são apresentadas nos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (BRASIL, 1998).

### 3.1.2 A variação linguística nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998) foram elaborados pelo Ministério da Educação (MEC) para auxiliar os professores no processo educacional de cada disciplina do currículo, de maneira a oferecer aos docentes novas concepções teóricas, orientações e sugestões para a prática na escola.

Ao analisarmos alguns pontos dos PCNs acerca de como deve ser percebida e trabalhada a linguagem na escola, é notório que o referido documento se mostra partidário

ao ensino pautado em uma abordagem crítica, e concebe a língua como uma realidade dinâmica que se dá nas situações reais de uso.

Ademais, em relação à variação linguística, a proposta trazida pelos PCNs de Língua Portuguesa é respeitar a linguagem do aluno e favorecer um ambiente escolar em que a variação linguística seja respeitada e o ensino possa ser pautado na reflexão de que a língua é dinâmica e que, portanto, pode variar dependendo do contexto comunicativo. Podemos perceber isso nos objetivos gerais de língua portuguesa para o ensino fundamental, dentre os quais três estão intrinsecamente conectados à abordagem da variação linguística. Observe:

Utilizar a linguagem na escuta e produção de textos orais e na leitura e produção de textos escritos de modo a atender a múltiplas demandas sociais, responder a diferentes propósitos comunicativos e expressivos, e considerar as diferentes condições de produção do discurso;  
Conhecer e valorizar as diferentes variedades do português, procurando combater o preconceito linguístico;  
Usar os conhecimentos adquiridos por meio da prática de análise linguística para expandir sua capacidade de monitoração das possibilidades de uso da linguagem, ampliando a capacidade de análise crítica. (BRASIL, 1998, p. 3233)

Outrossim, no que concerne ao ensino de Língua Portuguesa no ensino médio, os PCNs (2000, p. 22) ainda indicam que “a escola não pode garantir o uso da linguagem fora do seu espaço, mas deve garantir tal exercício de uso amplo no seu espaço, como forma de instrumentalizar o aluno para o seu desempenho social”. Dessa forma, nota-se que a proposta trazida pelo documento para o processo de ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa é a preparação do aluno para utilizar a língua de maneira ampla e efetiva, ou seja, saber usá-la nas diferentes situações de comunicação e, conseqüentemente, respeitar e valorizar as alteridades linguísticas.

No entanto, o que percebemos em algumas salas de aula é o ensino da língua com foco na reprodução de um único Português “correto” e do bom uso. Porém, vale acentuar que a escola, ao adotar tal postura, perde a oportunidade de abordar a variação linguística e o conhecimento que o aluno tem da sua própria língua. Assim, não prepara o estudante para as variadas situações de uso da língua, mas apenas para aquelas situações em que se exige a utilização da norma culta.

Sabemos que os alunos devem se apropriar da gramática normativa e que precisa tê-la como referência nas práticas formais de comunicação. Isso é irrefutável. Entretanto,

concomitante a isso, os discentes também precisam entender o uso das variações linguísticas. Devem ser ensinados ainda sobre a importância de ambas no processo comunicativo. Sobre isso, os PCNs pontuam que:

[...] é importante que o aluno, ao aprender novas formas linguísticas, particularmente a escrita e o padrão de oralidade mais formal orientado pela tradição gramatical, entenda que todas as variedades linguísticas são legítimas e próprias da história e da cultura humana. Para isso, o estudo da variação cumpre papel fundamental na formação da consciência linguística e no desenvolvimento da competência discursiva do aluno, devendo estar sistematicamente presente nas atividades de Língua Portuguesa. (BRASIL, 1988, p. 82)

Note que o documento em questão propõe que as variações linguísticas devem ser não só mencionadas pelo docente, mas trabalhadas nas atividades de Língua Portuguesa de maneira que os educandos possam desconstruir essa dicotomia errônea que existe entre língua certa ou errada. A subseção a seguir pretende debruçar-se mais sobre essa temática, com foco em um ensino de língua portuguesa que seja pautado na concepção de língua como artefato social, isto é, de modo que considere seus usos e respectivos contexto de produção.

### 3.1.3 A variação linguística no ensino de Língua Portuguesa

No processo de ensino aprendizagem da Língua Portuguesa, um fator relevante é que os docentes e todo o corpo educacional compreendam que os discentes já trazem consigo uma vivência cultural, uma identidade linguística, assim como todo um conjunto de costumes e valores que devem ser levados em consideração. Dessa forma, torna-se inviável estabelecer uma língua padrão e, assim, perder toda essa variedade que a mesma apresenta.

Segundo Labov (2008, p.221): “é comum que uma língua tenha diversas maneiras de dizer a mesma coisa”, e esse fenômeno é bastante identificado em regiões onde um mesmo objeto é nomeado de outra forma, sendo exemplificado pela “mandioca”, como é chamada na região Sul e Sudeste do Brasil, enquanto no Norte e Nordeste do país é conhecida como “macaxeira” ou “aipim”.

O mesmo ocorre em dialetos entre profissionais que fazem parte de uma mesma classe e utilizam jargões que são atribuídos à profissão, podendo ser exemplificado pelo termo “cianose” que se refere à coloração da pele mediante a má oxigenação do sangue,

este termo é utilizado pela equipe da saúde. Conforme BORTONI-RICARDO (2004, p.34) destaca, “estamos vendo, então, que são fatores históricos, políticos e econômicos que conferem prestígio a certos dialetos ou variedades regionais e, conseqüentemente, alimentam rejeição e preconceito em relação a outros”.

Sendo assim, é preciso compreender e levarmos em consideração que, por se tratar de um país com várias regiões e vasta cultura, a língua vai ser influenciada por esses aspectos, seja eles socioeconômicos ou culturais. Porém, isso não quer dizer que estamos tratando de idiomas diferentes e sim que compartilhamos da mesma língua, mas que ela é manifestada e reproduzida de variadas formas, mediante quem faz uso dela.

Ainda em relação a esse aspecto das variações, é imperativo enfatizar que:

Simplesmente não existe erro em língua. Existem, sim, formas de uso de línguas diferentes daquelas que são impostas pela tradição gramatical. No entanto, essas formas diferentes, quando analisadas com critérios, revelam-se perfeitamente lógicas e coerentes. (BAGNO, 2001, p.25-26).

Nesse sentido, é primordial que o professor destaque essas características da constituição da língua para que não sejam criados rótulos a respeito do que é certo ou não, bem como para que se fomente o respeito entre os falantes. É fundamental que os estudantes compreendam que a “heterogeneidade linguística não é apenas comum” (LABOV, 2008, p.238) mas uma realidade. Sobre isso, os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998, p. 82-83) propõem ao professor desenvolver algumas “atividades que permitem explorar mais intensamente questões de variação linguística”. Observe:

- transcrição de textos orais, gravados em vídeo ou cassete, para permitir identificação dos recursos linguísticos próprios da fala;
- edição de textos orais para apresentação, em gênero da modalidade escrita, para permitir que o aluno possa perceber algumas das diferenças entre a fala e a escrita;
- análise da força expressiva da linguagem popular na comunicação cotidiana, na mídia e nas artes, analisando depoimentos, filmes, peças de teatro, novelas televisivas, música popular, romances e poemas;
- levantamento das marcas de variação linguística ligadas a gênero, gerações, grupos profissionais, classe social e área de conhecimento, por meio da comparação de textos que tratem de um mesmo assunto para públicos com características diferentes.
- elaboração de textos procurando incorporar na redação traços da linguagem de grupos específicos;
- estudo de textos em função da área de conhecimento, identificando jargões próprios da atividade em análise;

- comparação de textos sobre o mesmo tema veiculados em diferentes publicações (por exemplo, uma matéria sobre meio ambiente para uma revista de divulgação científica e outra para o suplemento infantil);
- comparação entre textos sobre o mesmo tema, produzidos em épocas diferentes;
- comparação de duas traduções de um mesmo texto original, analisando as escolhas estilísticas feitas pelos tradutores;
- comparação entre um texto original e uma versão adaptada do mesmo texto, analisando as mudanças produzidas;
- comparação de textos de um mesmo autor, produzido em condições diferentes (um artigo para uma revista acadêmica e outro para uma revista de vulgarização científica);
- análise de fatos de variação presentes nos textos dos alunos;
- análise e discussão de textos de publicidade ou de imprensa que veiculem qualquer tipo de preconceito lingüístico;
- análise comparativa entre registro da fala ou de escrita e os preceitos normativos estabelecidos pela gramática tradicional.

Como pode-se notar, são várias as propostas metodológicas que os PCNs (1998) apresentam para que o professor trabalhe a língua portuguesa a partir de uma perspectiva holística e crítica, isto é, considerando a sua pluralidade, bem como analisando e contrastando as diferentes formas de linguagem existentes.

Essa abordagem proposta, certamente pode contribuir para modificar as aulas tradicionais de Língua Portuguesa, ou seja, para que elas deixem de ser focadas na variação padrão da língua e de sua gramática normativa, e passem a ser mais dinâmicas e voltadas à realidade. Dessa maneira, a sala de aula pode deixar de ser um local de exclusão e passará a ser um ambiente de inclusão, transformação e formação de cidadãos críticos e reflexivos no que diz respeito ao uso da língua.

Importante observar ainda a perspectiva crítica de ensino de Língua Portuguesa intrínseco aos PCNs (1998), também está presente na BNCC (2017) no tocante ao ensino do mesmo componente curricular. Observe:

[...] cabe, então, proporcionar aos estudantes experiências que contribuam para a ampliação dos letramentos, de forma a possibilitar a participação significativa e crítica nas diversas práticas sociais permeadas/constituídas pela oralidade, pela escrita e por outras linguagens. (BRASIL, 2017, p. 67-68).

Nessa perspectiva, pode-se observar que a BNCC (2017) prioriza a indispensabilidade de propor aos estudantes condições para que interajam em sociedade de

modo autônomo e crítico, além de se observar a necessidade de considerar e valorizar a diversidade linguística sob todos os aspectos de comunicação, isto é, formais e informais, como podemos perceber no trecho a seguir:

Cabem também reflexões sobre os fenômenos da mudança linguística e da variação linguística, inerentes a qualquer sistema linguístico, e que podem ser observados em quaisquer níveis de análise. Em especial, as variedades linguísticas devem ser objeto de reflexão e o valor social atribuído às variedades de prestígio e às variedades estigmatizadas, que está relacionado a preconceitos sociais, deve ser tematizado. (BRASIL, 2017, p. 81).

O documento ainda traz algumas habilidades dentro do eixo da análise linguística/semiótica a serem desenvolvidas nas aulas de língua portuguesa, que dialogam com sua perspectiva heterogênea. Vejamos:

- Conhecer algumas das variedades linguísticas do português do Brasil e suas diferenças fonológicas, prosódicas, lexicais e sintáticas, avaliando seus efeitos semânticos.
- Discutir, no fenômeno da variação linguística, variedades prestigiadas e estigmatizadas e o preconceito linguístico que as cerca, questionando suas bases de maneira crítica. (BRASIL, 2017, p. 83).

Nessa perspectiva, como observamos, a BNCC (2017) - lei recentemente criada que regulamenta o ensino de todos os componentes curriculares da educação básica no país, veio reafirmar, de forma clara e direta, a importância e a necessidade dos docentes refletirem que também há um lugar pensado para o trabalho com a variação linguística nas aulas de língua portuguesa. Na verdade, o ensino da variação linguística não é algo facultativo, mas obrigatório. Logo, precisa ser feito.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Vimos nesta pesquisa que a Língua Portuguesa é dotada de características e variações que se apresentam mediante grupo de falantes e contexto de uso. Defendemos que suas particularidades devem ser levadas em consideração pelo professor no processo de ensino e aprendizagem, pois é por meio desse processo que é possível desmistificar a ideia de língua homogênea e passar a fomentar uma visão crítica em relação ao seu uso.

Para tanto, dialogamos com diferentes pesquisadores que tratam do assunto e recorremos à Lei de Diretrizes e Bases da Educação (BRASIL, 1996) e à Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017) que servem de norte para o ensino no país. O resgate das pesquisas acadêmicas e desses normativos traz à tona os problemas pedagógicos e sociais inerentes ao preconceito linguístico, bem como reafirma a importância do professor de Português explorar metodologias que levem em consideração a dinamicidade e a pluralidade da língua, assim como seus aspectos sociais e culturais. Dito isto, acreditamos ter atingido os objetivos definidos neste trabalho, que foram centrados em discutir a importância do ensino da heterogeneidade da Língua Portuguesa nas escolas.

É importante frisar que, embora a temática aqui abordada já tenha sido bastante discutida por diferentes pesquisadores, e como tal pareça ter sido esgotada; entendemos que é de suma importância que nós, que estamos saindo da academia, ampliemos nossas perspectivas no que concerne à língua e suas variações para que, conseqüentemente, possamos refletir sobre formas mais efetivas e significativas de ensiná-la.

Por fim, apresentamos o gênero música como sugestão para os docentes e/ou pesquisadores interessados em trabalhar o tema da variação linguística em suas aulas. Discutir, de modo crítico, as letras e melodias que trazem marcas de uma região ou classe social específica pode ser um método efetivo de mostrar as riquezas da nossa língua. A título de sugestão, indicamos as canções de Luiz Gonzaga, cantor e compositor, que expressa a realidade do nordestino de forma espontânea em suas músicas tocadas em todo o país.

Não podemos deixar de mencionar ainda que o cinema também pode ser explorado para trabalhar essa temática. Para ilustrar, pode-se fazer uso do filme "que horas ela volta", que é um drama no qual a doméstica Val, protagonizada por Regina Casé, sofre com o preconceito de seus patrões devido ao seu sotaque nordestino. Uma abordagem crítica com esse tipo de recurso pode somar para desconstruir o preconceito linguístico que nordestinos sofrem em outras regiões do país, sobretudo no eixo Sul/Sudeste.

## **REFERÊNCIAS**

ANTUNES, Maria Irandé Costa Morais. **Muito além da gramática:** por um ensino de gramática sem pedras no caminho. São Paulo. 3ª ed. Parábola, 2007.

BAGNO, Marcos. **A Língua de Eulália: novela sociolinguística**. 12. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

\_\_\_\_\_. **A norma Culta da Língua & Poder na sociedade brasileira**. São Paulo: Parábola Editora, 2003.

\_\_\_\_\_. **Gramática pedagógica do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2011.

\_\_\_\_\_. **Preconceito linguístico**. O que é, como se faz. São Paulo: Loyola, 2007.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Ensino Fundamental Anos Finais**. Brasília: MEC 2017.

\_\_\_\_\_. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB**. 9394/1996.

\_\_\_\_\_. MEC/Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares do ensino médio** Brasília: MEC/SEF, 2000.

\_\_\_\_\_. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna: a sociolinguística em sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

\_\_\_\_\_. **Heterogeneidade linguística e o ensino da língua: o paradoxo da escola**. In: BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Nos chegemos na escola, e agora? Sociolinguística e educação*. São Paulo: Parábola, 2005. P. 13-17.

CAMACHO, R. G. **A variação linguística**. In: *Subsídios à proposta curricular de língua portuguesa para o 1º e 2º graus*. São Paulo: SE/CENP, 1988, v.3.

COELHO, I. L.; GÖRSKI, E. M.; SOUZA, C. M. N.; MAY, G. H. **Para conhecer sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2019.

LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LEITE, Marli Quadros. **Preconceito e intolerância na linguagem**. São Paulo: Contexto, 2008.

LEMLE, M. **Heterogeneidade dialetal: um apelo à pesquisa**. *Tempo Brasileiro*. Rio de Janeiro (53/4): 60-94, abr./set., 1978.

MARIANI, B. **Entre a evidência e o absurdo: sobre o preconceito linguístico**. *Cadernos de letras da UFF: preconceito linguístico e cânone literário*, Niterói, 2008

MEC. Parâmetros Curriculares Nacionais: **Ensino Médio/Parte II – Linguagens, Códigos e suas Tecnologias**. Brasília: Ministério da Educação, 2000.

MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. **Introdução à Linguística**: domínios e fronteiras. São Paulo: Cortez, 2007.

SANTOS, Patrícia Tavares de Almeida. **Só um instante, senhora, que eu vou tá verificando se o livro tá disponível na editora**: gerundismo, preconceito e expansão da mudança. 2008. 131 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Pós-Graduação em Linguística, Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

SOARES, Magda. **Linguagem e escola**: uma perspectiva social. São Paulo: Ática, 1986.